LÍNGUA MUNDURUKÚ NA TERRA INDÍGENA KWATÁ-LARANJAL: A ESPERA DO OUTRO

Prof.ª MSc. Cristina de Cássia Borella (FACED-UFAM)
Prof.ª MSc. Eneida Alice Gonzaga dos Santos (FACED-UFAM)

RESUMO:
O povo indígena Mundurukú habita três Terras Indígenas: Terra Indígena Kwatá-Laranjal, localizada ao longo do Rio Madeira, pertencente ao estado do Amazonas, Terra Indígena Sai-Cinza e Terra Indígena Mundurukú, localizadas ao longo do rio Tapajós, pertencentes ao estado do Pará. A língua, de mesma denominação do povo, pertence ao tronco linguístico Tupi, mais especificamente à família linguística Mundurukú. Estudos históricos demonstram que ambos os grupos têm a mesma origem ancestral. Por ocasião da implantação do Curso de Licenciatura Formação de Professores Indígenas Mundurukú, oferecido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas, realizamos um levantamento sociolinguístico na Terra Indígena Kwatá-Laranjal, região do baixo rio Madeira, estado do Amazonas, onde reside uma parte da população indígena Mundurukú. Sabe-se que os Mundurukú da região do Madeira, por questões históricas, relacionadas ao tipo de contato com a sociedade envolvente, tornaram-se monolíngues em português. Embora possamos encontrar alguns velhos que ainda são falantes da língua nativa, esta não é mais a língua de uso nas aldeias da referida Terra Indígena. Há bastante tempo, entretanto, os Mundurukú pretendem mudar esta realidade sociolinguística atual, exemplo disto, foi a solicitação de destinar 15 das 60 vagas da licenciatura supracitada aos Mundurukú do Rio Tapajós (PA), falantes nativos da língua Mundurukú. Atitudes como esta demonstram que os Mundurukú do Madeira, embora ainda tenham falantes nativos em suas respectivas comunidades, acreditam que somente a presença de professores provenientes do Tapajós, em sua comunidade e dando aulas em suas escolas, podem vir a reverter sua realidade sociolinguística. Deste modo, este artigo tem como objetivo apresentar não somente o resultado da pesquisa sociolinguística, mas, principalmente, refletir sobre as expectativas dos Mundurukú do Madeira de voltar a falar a língua de seus antepassados e sobre a responsabilidade delegada, quase que totalmente, aos seus parentes, ainda falantes, provenientes do Tapajós.

PALAVRAS CHAVE: Línguas Indígenas. Mundurukú. Revitalização Linguística.

MUNDURUKÚ LANGUAGE IN INDIGENOUS LAND KWATA-LARANJAL: THE WAITING THE ANOTHER

The indigenous Mundurukú people inhabit three Indigenous Lands: Indigenous Kwata-Laranjal, located along the Madeira river, belonging to the state of Amazonas, Indigenous Land Sai-Cinza and Indigenous Land Mundurukú, located along the Tapajos river, belonging to the state of Pará. The language Mundurukú, of the people of the same name, belongs to the Mundurukú family (TUPI). Historical studies show that both groups have the same ancestral origin. During the implementation of the Intercultural Graduation to Indigenous Teachers Mundurukú, offered by the Faculty of Education, Federal University of Amazonas, we conducted a sociolinguistic survey in Indigenous Land Kwata-Laranjal, in the Madeira river region, Amazonas state, where lies the Indian population Mundurukú. It is known that the Mundurukú people who live in the region of the river Madeira, for historical reasons, related to the type of contact with the surrounding society, have become monolingual in Portuguese. Although we can still find some old people that are still native speakers of the language, this is no longer the language of use in the villages of this Indigenous Land. Long ago, however, the Mundurukú people intend to change this current sociolinguistic reality, example of this was the request to allocate 15 of the 60 graduation vacancies for Mundurukú people who living along the Tapajos river (PA), native speakers Mundurukú. These attitudes show that the Mundurukú who live along the Madeira river, while still have native speakers in their communities, believe that only the presence of the teachers of the Tapajós in your community might reverse its sociolinguistic reality. Thus, this article aims to present not only the result of sociolinguistic research, but mainly reflect on the expectations of the Mundurukú people to return to speak the language of their ancestors and the responsibilities delegated almost entirely to its relatives from the Tapajós, still native speakers of this language.

KEY WORDS: Indigenous Languages. Mundurukú. Language Revitalization.

"Hoje nós do Mari-Mari e Kwatá
Juntos lutamos para nosso idioma
Revitalizar contamos com a ajuda
Do nossos parentes do Pará (...)"

Adelson Beleza

INTRODUÇÃO

O povo indígena Mundurukú habita três Terras Indígenas: Terra Indígena Kwatá-Laranjal, localizada ao longo do Rio Madeira, pertencente ao estado do Amazonas, Terra Indígena Sai-Cinza e Terra Indígena Mundurukú, localizadas ao longo do rio Tapajós, pertencentes ao estado do Pará. A língua, de mesma denominação do povo, pertence ao tronco linguístico Tupi, mais especificamente à família linguística Mundurukú.

Estudos históricos demonstram que ambos os grupos têm a mesma origem ancestral, conforme demonstra Santos (1995, p.07):

> "Esses índios que passaram a fazer parte do cenário da região teriam chegado em sucessivas levas migratórias oriundas do alto Tapajós, mais precisamente das campinas do alto curso do rio Cururu, da aldeia de Nicodemos, onde a mitologia Mundurukú fixa as suas origens".

Embora tenham uma origem ancestral comum, o processo de contato com a sociedade envolvente ocorreu de forma diferenciada para os Mundurukú do Tapajós e para os Mundurukú do Madeira.

De acordo com os relatos dos próprios Mundurukú da região do Madeira, o contato com a sociedade envolvente foi crucial para que deixassem de falar sua língua, pois sofriam punições quando se comunicavam em sua língua nativa. Deste modo, paulatinamente, o povo Mundurukú desta região deixou de falar sua língua ancestral e a substituiu pela língua Portuguesa, que atualmente é a língua de uso deste povo.

CURSO DE LICENCIATURA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS MUNDURUKÚ

Os professores Mundurukú da região do rio Madeira, após a conclusão do magistério indígena (Projeto *Kabia'ra*) realizado pela Secretaria de Educação do Estado (SEDUC-AM), manifestaram interesse em cursar uma licenciatura específica, assim, procuraram a Universidade Federal do Amazonas (UFAM). A Faculdade de Educação, por já ter experiência com uma licenciatura específica para o povo indígena Mura, acolheu esta demanda e iniciou a discussão acerca da licenciatura com o referido povo.

Por ocasião da implantação do supracitado curso, realizamos um levantamento sociolinguístico na Terra Indígena Kwatá-Laranjal. Para a elaboração do questionário tomamos como base o trabalho realizado por Silva (2001) com os Karajá de Santa Isabel do Morro e Fontoura.

Por serem centrais e mais populosas, para tal levantamento, foram escolhidas as aldeias Laranjal e Kwatá. A aldeia Kwatá tem em seu entorno mais quatro aldeias, Cajual, Kaiowé, Tartaruguinha e Cafezal onde também aplicamos os questionários. Por outro lado, a aldeia Kwatá conta com uma seção eleitoral, assim, em três de outubro de 2010, pudemos também realizar entrevistas com indivíduos provenientes de outras aldeias, que se deslocaram até o Kwatá para votar. A tabela abaixo apresenta os dados coletados durante o trabalho de campo.

Tabela: Dados do levantamento sociolinguístico

Aldeia	Número de questionários aplicados.	Falantes Nativos de Mundurukú	Falantes que conhecem alguns itens lexicais e expressões em Mundurukú	Atitude do falante em relação à Língua Mundurukú
Laranjal	74	02	0	74 positivas
Kwatá	128	03	32	128 positivas
Sauru	02	0	0	02 positivas
Terra Vermelha	02	0	0	01 positiva 01 negativa
Mucajá	15	0	0	15 positivas
Varre Vento	02	0	0	02 positivas
Soval	02	0	0	02 positivas
Vila Nova	02	0	0	02 positivas
Colônia	10	0	0	10 positivas
Santo Antônio	09	0	0	09 positivas
Arú	05	0	0	05 positivas
Tartaruguinha	06	0	0	06 positivas
Vila Batista	04	0	0	04 positivas

Fronteira	18	0	0	18 positivas
Cobra	06	0	0	06 positivas
Colônia	10	0	0	10 positivas
Empresinha	03	0	0	03 positivas
Juvenal	02	0	0	02 positivas
Kaiowé	07	0	0	07 positivas
Niterói	11	0	0	11 positivas
Cajual	06	0	0	06 positivas
Malocão	01	0	0	01 positiva
Jutaí	01	0	0	01 positiva
Pajurá	01	0	0	01 positiva
Cafezal	01	0	0	01 positiva
Terra Alta	01	0	0	01 positiva
Escombra	01	0	0	01 positiva

Os dados acima demonstram que a língua Mundurukú é falada por apenas cinco indivíduos acima de sessenta anos. Estes indivíduos, infelizmente, não conversam mais entre si, pois, devido à idade avançada, não frequentam mais a casa um do outro. Portanto, o Mundurukú não pode ser considerado, nem mesmo entre estes cinco falantes, como língua de uso em ambiente familiar. Embora sejam muito respeitados na comunidade, são poucos os mais jovens que procuram estes falantes para tomar conhecimento de vocábulos ou frases da língua de seus ancestrais.

Durante o I Curso de Magistério Indígena (Projeto *Kabia'ra*), coordenado pela Gerência de Educação Indígena da SEDUC-AM, dona Ester, uma das anciãs que ainda fala a língua Mundurukú, participou das aulas durante a disciplina "Língua Indígena", contribuindo na formação dos alunos do referido curso.

Por algum tempo, as escolas Mundurukú contaram com a presença dos falantes mais velhos em suas aulas. Estes vinham contar sobre a tradição do povo e ensinar algumas palavras em Mundurukú, entretanto, com o passar dos anos e dada à avançada idade dos falantes, este processo não pode mais ocorrer, deste modo, atualmente, o ensino, de língua Mundurukú, na educação básica, se limita a algumas palavras e frases cristalizadas.

Todos os eventos da comunidade são realizados em português, desde as atividades do roçado até as cerimônias religiosas. Portanto, hoje em dia, o uso da língua Mundurukú se restringe a um pequeno vocabulário ou expressões cristalizadas, utilizadas geralmente para saudações. Segundo os professores, também costuma-se cantar, em algumas festas, realizadas pelas escolas, músicas na Língua Mundurukú, mas estes eventos são pontuais. Assim, muito embora a comunidade tenha uma atitude positiva quanto a voltar a utilizar a referida língua, o povo não demonstra nenhuma ação concreta para que o uso da mesma esteja entre as atividades do cotidiano da aldeia.

Portanto, a realidade sociolinguística atual dos Mundurukú da Terra Indígena Kwatá-Laranjal apresenta uma situação monolinguísmo em português, com cinco falantes de Mundurukú numa faixa etária acima dos sessenta anos. Segundo Hinton & Hale (2001) são quatro os níveis de línguas em perigo de extinção, a saber:

(a) Línguas que são faladas por indivíduos de todas as idades, mas com sensível declínio porque são usadas apenas em ambientes restritos;
(b) Línguas que as crianças não dominam plenamente, ou porque a geração dos pais conhece a língua, mas tem cessado seu uso ou porque a geração dos avós é a última geração de falantes;
(c) Línguas que não possuem falantes, exceto uns poucos velhos;
(d) Línguas que não há mais falantes, contando apenas com alguns registros de linguistas.

A língua Mundurukú, na Terra Indígena Kwatá-Laranjal, pode ser classificada como pertencente à categoria (c), pois só encontramos cinco falantes em idade avançada. No entanto, apesar desta triste realidade sociolinguística dos Mundurukú do Madeira, os Mundurukú do alto rio Tapajós são falantes desta língua, a usam como língua de instrução em suas escolas e em todos os ambientes de suas aldeias. Com isso, podemos afirmar que embora a língua Mundurukú não seja usada na Terra Indígena Kwatá-laranjal, esta não corre perigo de extinção.

A ESPERA DO OUTRO

Há bastante tempo, os Mundurukú do Rio Madeira pretendem mudar a realidade sociolinguística descrita acima. Souza (2004) descreve que o Capitão da aldeia Kwatá, já manifestava, em 2004, a vontade de desenvolver um intercâmbio entre as crianças do Kwatá e crianças moradoras das Terras Indígenas Mundurukú e Sai-Cinza. Este intercâmbio, segundo a autora, "teria o objetivo de revitalizar a língua e os costumes Mundurukú perdidos através do longo contato com a sociedade envolvente" (p.47).

Assim, se por um lado, os moradores da Terra Indígena Kwatá-Laranjal desejam que a língua Mundurukú

volte a ser falada em suas aldeias, por outro lado, acreditam que este processo só poderá ocorrer se houver a presença ou um intercâmbio com os parentes do Tapajós. Embora muitas vezes pensado, este tipo de projeto, até onde sabemos, nunca sequer foi devidamente planejado e, consequentemente, não chegou a ser realizado.

Com a possibilidade de uma licenciatura específica para o povo Mundurukú, se configurou um novo espaço para que este desejo fosse finalmente realizado, deste modo, nas discussões que antecederam o planejamento da referida Licenciatura, os professores Mundurukú destinaram 15 das 60 vagas da licenciatura supracitada aos Mundurukú do Rio Tapajós. Além de estarem presentes durante a licenciatura (ministrada no município de Borba-AM), as comunidades do Madeira requerem que estes 15 professores, durante os cinco anos da Licenciatura, se mudem para as aldeias do Madeira, a fim de serem professores de língua Mundurukú nas escolas. Ainda durante o planejamento, os mesmos professores também solicitaram que o ensino de língua Mundurukú se desse como componente curricular em todos os módulos para todas as grandes áreas, a saber, Letras e Artes, Exatas e Biológicas e Humanas e Sociais.

As solicitações acima demonstram o alto grau de expectativa na referida licenciatura. Por um lado, estes professores acreditam que poderão adquirir fluência na língua Mundurukú apenas com as aulas dadas no referido curso. Por outro lado, eles também acreditam que o processo de revitalização da língua em suas aldeias depende tão somente da vinda de professores falantes nativos de Mundurukú que ministrarão aulas em suas escolas. Cabe lembrar que estes mesmos professores não buscam aprender novos conhecimentos da língua Mundurukú com os falantes nativos que ainda existem em suas comunidades. Esta busca seria importante, mesmo que fosse apenas para ampliar o vocabulário, conhecer novas músicas ou para aprender diferentes tipos de frases, pois demonstraria uma posição menos passiva em relação à revitalização de sua língua. Podemos observar, deste modo, que o processo de retomada da língua ocorre sempre a partir do "outro", ou da licenciatura, ou da vinda dos professores Mundurukú do Tapajós.

Durante o levantamento sociolinguístico, pudemos notar que esta percepção também está presente nos demais moradores das aldeias, pois a grande maioria considera positivo o retorno do uso da língua Mundurukú pela comunidade, entretanto, estes não se incluem como agentes deste processo, delegando ou à escola, ou ao professor a responsabilidade da comunidade voltar a falar a língua em questão.

O processo de revitalização de uma língua, no entanto, depende da responsabilidade e participação de cada membro da comunidade e deve ocorrer em todos os ambientes, não só no ambiente escolar. Hinton & Hale (2001) apontam alguns procedimentos importantes a serem considerados no caso de uma revitalização. No ambiente escolar, por exemplo, devem-se desenvolver programas de ensino da língua a ser revitalizada como segunda língua para adultos. Estes cursos também devem ser dados para crianças, preferencialmente que sejam intensivos e façam parte do componente curricular da escola, mas, neste caso, a língua a ser revitalizada deve ser a língua de instrução. Por sua vez, para além do ambiente escolar, devem-se desenvolver práticas culturais que encorajem o uso da língua, tanto em casa como em público e privilegiar, no ambiente familiar, o uso da língua a ser revitalizada em situações de comunicação, só assim as crianças, das próximas gerações, poderão aprender a língua como falantes nativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Curso de Licenciatura Formação de Professores Indígenas Mundurukú* teve início em 01 março de 2011. Participaram do processo seletivo dez candidatos provenientes do Tapajós. Destes, nove permanecem no curso. Até o momento, os professores Mundurukú da região do Tapajós ainda estão residindo em suas aldeias no Pará.

Na segunda etapa, que ocorrerá em agosto próximo, será trabalhada a língua Mundurukú com a assessoria da Profa. Dra Gessiane Picanço, linguista especialista na referida língua.

No primeiro módulo, durante a disciplina "Português I – Leitura e Produção Textual", observamos que os alunos vindos do Pará, mesmo estranhando um pouco o lugar diferente do seu de origem e sentindo muitas saudades de seus parentes, integraram-se bem com os alunos do Madeira. No entanto, esses mesmos alunos reclamaram que poucos de seus colegas do Amazonas os procuravam para aprender mais sobre a língua Mundurukú.

Com o decorrer da licenciatura, acreditamos que os professores compreenderão que as aulas oferecidas durante o curso não serão o bastante para torná-los proficientes em língua Mundurukú, este conhecimento exigirá esforço por parte deles, durante as aulas e para além delas, durante a convivência com os professores Mundurukú do Tapajós na hospedagem em Borba e nos períodos que passam em suas respectivas aldeias.

A partir das aulas dadas nas disciplinas "Língua Mundurukú", a professora Dra. Gessiane Picanço, assim como nós, nos módulos de Língua Portuguesa, pretendemos, paulatinamente, oferecer subsídios para que os professores da Terra Indígena Kwata-Laranjal possam compreender o quão demorado pode ser e o grande esforço que tanto professores quanto a comunidade deverão fazer para iniciar um processo cuja meta seria um princípio de revitalização de sua língua.

Esperamos, por fim, que tanto os professores quanto a comunidade da Terra Indígena Kwatá-Laranjal compreendam que, embora possam vir a contar com a ajuda dos professores do Tapajós e das linguistas professoras da Licenciatura, em especial da profa. Dra. Gessiane Picanço, o primeiro passo para que a Língua Mundurukú volte

a ser falada, para além de palavras e saudações, deve ser dado por eles. Chegou o tempo de findar "a espera pelo outro", que se comece o tempo dos pequenos, por vezes vacilantes e pacientes passos, que este agora seja o tempo não mais de espera, mas o tempo do caminhar.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BORELLA, Cristina de Cássia & SANTOS, Eneida Alice. Gonzaga. *Relatório do Levantamento Sóciolinguístico na Terra Indígena Kwatá-Laranjal*. Manaus: UFAM, 2011.

HINTON, Leanne & HALE, Ken. *The Green book of Language Revitalization in Practice*. California: Academic Press, 2001.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas.* São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SANTOS, Francisco Jorge. *Dossiê Mundurukú. Boletim Informativo*. Manaus: Museu Amazônico-UFAM, 1995.

SILVA, Maria do Socorro Pimentel. *A situação sociolinguística dos Karajá de Santa Isabel do Morro e Fontoura*. Brasília: FUNAI/DEDOC, 2001.

SOUZA, Ádria Simone Duarte de. *Identidade, Educação Escolar Indígena e Bilinguismo na Aldeia Munduruku.* Manaus: UFAM, 2004. Dissertação de Mestrado.